

Fundamentos e Práticas da Fisioterapia 8

Bárbara Martins Soares
Larissa Louise Campanholi
(Organizadoras)



Bárbara Martins Soares
Larissa Louise Campanholi
(Organizadoras)

Fundamentos e Práticas da Fisioterapia 8

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F981 Fundamentos e práticas da fisioterapia 8 [recurso eletrônico] /
Organizadoras Bárbara Martins Soares, Larissa Louise
Campanholi. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. –
(Fundamentos e Práticas da Fisioterapia; v. 8)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-155-8

DOI 10.22533/at.ed.558190703

1. Fisioterapia. I. Soares, Bárbara Martins. II. Campanholi,
Larissa Louise.

CDD 615.82

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A fisioterapia é uma ciência relativamente nova, pois foi reconhecida no Brasil como profissão no dia 13 de outubro de 1969. De lá para cá, muitos profissionais tem se destacado na publicação de estudos científicos, o que gera mais conhecimento para um tratamento eficaz. Atualmente a fisioterapia tem tido repercussões significativas, sendo citada frequentemente nas mídias, demonstrando sua importância e relevância. Há diversas especialidades reconhecidas pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO): Fisioterapia em Acupuntura, Aquática, Cardiovascular, Dermatofuncional, Esportiva, em Gerontologia, do Trabalho, Neurofuncional, em Oncologia, Respiratória, Traumatológico-Ortopédica, em Osteopatia, em Quiropraxia, em Saúde da Mulher, em Terapia Intensiva. O fisioterapeuta trabalha tanto na prevenção quanto no tratamento de doenças e lesões, empregando diversas técnicas como por exemplo, a cinesioterapia e a terapia manual, que tem como objetivo manter, restaurar ou desenvolver a capacidade física e funcional do paciente. O bom profissional deve realizar conduta fisioterapêutica baseada em evidências científicas, ou seja, analisar o resultado dos estudos e aplicar em sua prática clínica. Neste volume 8, apresentamos a você artigos científicos relacionados à educação em fisioterapia dermatofuncional, do trabalho, respiratória, em terapia intensiva e em saúde pública.

Boa leitura.

Larissa Louise Campanholi e Bárbara Martins Soares Cruz.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“BLITZ DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE LABORAL”: RELATO DA IMPLANTAÇÃO DE UMA AÇÃO EDUCATIVA	
Maria Amélia Bagatini Larissa Oliveira Spidro Carolina Pacheco de Freitas Thomazi Éder Kröeff Cardoso Luís Henrique Telles da Rosa Nandara Fagundes Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.5581907031	
CAPÍTULO 2	7
A FALTA DE INFORMAÇÃO DOS SERVIÇOS DE FISIOTERAPIA CAUSADA PELA DEFICIÊNCIA NA INTERAÇÃO DA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL EM UMA UBS EM BELÉM / PA	
Luciana Morais Ribeiro Bianca Teixeira de Sousa Sandrys Karoline Martins Garcia Luana Valéria dos Santos Blois	
DOI 10.22533/at.ed.5581907032	
CAPÍTULO 3	13
A SITUAÇÃO EPIDEMIOLÓGICA DA AIDS NO MUNICÍPIO DE FORTALEZA NO PERÍODO DE 2007 A 2017	
Elias Elijejdson de Menezes Ana Karoline da Silva Barroso Ana Stefany Dias Rocha Suelen Cynthia Alves Vasconcelos Thalia de Sousa Carneiro Izabel Janaina Barbosa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5581907033	
CAPÍTULO 4	24
AÇÕES DE SAÚDE PÚBLICA NA PREVENÇÃO DA PARALISIA CEREBRAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Gabriela Ferreira Oliveira de Souza Thauany Borissi Bueno dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5581907034	
CAPÍTULO 5	41
ACESSIBILIDADE EM CLÍNICAS DE FISIOTERAPIA, HOSPITAIS E UNIDADES DE SAÚDE	
Luciana Morais Ribeiro Bianca Teixeira de Sousa Sandrys Karoline Martins Garcia Tereza Cristina dos Reis Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.5581907035	

CAPÍTULO 6 46

ANÁLISE DA DEPENDÊNCIA NICOTÍNICA EM TABAGISTAS DE UM CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE

Letícia Câmara de Moura
Felipe Azevedo de Andrade
Luanna Kaddyja Medeiros Azevedo
Maria de Fátima Leão dos Santos
Catharinne Angélica Carvalho de Farias
Robson Alves da Silva

DOI 10.22533/at.ed.5581907036

CAPÍTULO 7 54

ANÁLISE DO ESTRESSE OCUPACIONAL AUTO RELATADO E SINTOMAS OSTEOMUSCULARES EM EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO DE SOFTWARES E EQUIPAMENTOS NO SEGMENTO DE ENERGIA ELÉTRICA EM JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS

Daniela Vieira Pinto
Ingrid de Souza Costa
Giovanna Barros Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.5581907037

CAPÍTULO 8 60

ASSOCIAÇÃO ENTRE QUALIDADE DE VIDA E DOENÇA DE PARKINSON POR MEIO DO QUESTIONÁRIO PDQ-39: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Thayane Kelly dos Santos Cândido
Marvin Paulo Lins

DOI 10.22533/at.ed.5581907038

CAPÍTULO 9 66

AUTOMEDICAÇÃO NO CONTEXTO DO ATENDIMENTO FISIOTERAPÊUTICO: VIVÊNCIAS DE PROFISSIONAIS

Maria Amélia Bagatini
Victoria Maria Ritter de Souza
Carolina Pacheco de Freitas Thomazi
Ibsen Diarlei da Silva

DOI 10.22533/at.ed.5581907039

CAPÍTULO 10 78

AVALIAÇÃO DA PREVALÊNCIA DO SONO, ESTRESSE E ANSIEDADE EM ACADÊMICOS DE FISIOTERAPIA

Natália Lima Magalhães
Kaliny Caetano Silva
Francelly Carvalho dos Santos
Giliena Barros Alves
Loyhara Ingrid Melo
Renato Mendes dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.55819070310

CAPÍTULO 11	90
AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DOS MÚSICOS DA ORQUESTRA SINFÔNICA DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL	
Claudia Adriana Bruscatto	
Maiara Menin	
Vanessa Camila Plautz	
Brenda Gelati Guarese	
Natália Casagrande	
Andressa Zeni	
Jéssica Gabriele Vegher	
DOI 10.22533/at.ed.55819070311	
CAPÍTULO 12	100
AVALIAÇÃO ERGONÔMICA DO TRABALHO EM DOCENTES DO CURSO DE ANÁLISE DE DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS	
Ananda Scalcon	
Bárbara Maica	
Jeniffer Sauthier Alves	
Marjorie da Silva Rafael	
Kemily Oliveira	
Tatiana Cecagno Galvan	
Carolina Pacheco de Freitas Thomazi	
DOI 10.22533/at.ed.55819070312	
CAPÍTULO 13	108
ESTUDO ECOLÓGICO DA PREVALÊNCIA DA TUBERCULOSE NO RIO GRANDE DO NORTE	
Isabela Cristina Felismino da Silva	
Ricardo Rodrigues da Silva	
Adriene Cataline Rodrigues Fernandes	
Amanda Raíssa Neves de Amorim	
Julyane Caroline Moreira	
Cíntia Maria Saraiva Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.55819070313	
CAPÍTULO 14	111
FISIOTERAPIA ATRÁS DAS GRADES: OS DESAFIOS DA PROMOÇÃO EM SAÚDE NO CÁRCERE	
Gabriel Vinícius Reis de Queiroz	
Thelma Yara Falca dos Reis	
Tatiane Bahia do Vale Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55819070314	
CAPÍTULO 15	122
FORÇA MUSCULAR GLOBAL É FATOR PREDITOR DA FORÇA MUSCULAR RESPIRATÓRIA EM DIALÍTICOS	
Viviane Lovatto	
Fabiana Santos Franco	
Joana Darc Borges de Sousa Filha	
Mariel Dias Rodrigues	
Patrícia Leão da Silva Agostinho	
DOI 10.22533/at.ed.55819070315	

CAPÍTULO 16	131
INFLUÊNCIA DA FUNÇÃO PULMONAR SOBRE A DISTÂNCIA PERCORRIDA NO SHUTTLE WALKING TEST EM INDIVÍDUOS COM DOENÇA PULMONAR OBSTRUTIVA CRÔNICA	
Ana Carolina Zanchet Cavalli Emmanuel Alvarenga Panizzi Fabiola Hermes Chesani Mariana dos Passos Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.55819070316	
CAPÍTULO 17	142
LEISHMANIOSE VISCERAL EM FORTALEZA-CE – CONTEXTO EPIDEMIOLÓGICO DE 2007 A 2017	
Rodrigo Pereira do Nascimento Izabel Janaína Barbosa da Silva Rebeka Silvino Araújo Ana Beatriz Quinto Mendes Frota Juliana Paula Rebouças Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.55819070317	
CAPÍTULO 18	153
LIMITES E POSSIBILIDADES DO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR	
Jacyara de Oliveira Vanini Fabiola Hermes Chesani	
DOI 10.22533/at.ed.55819070318	
CAPÍTULO 19	162
MENSURAÇÃO DA PRESSÃO DO CUFF NA PREVENÇÃO DA PAV	
Stefhania Araújo da Silva Mikaely Soares da Silva Viviane Maria Bastos Carneiro Firmeza Alessandra Maia Furtado de Figueiredo Dandara Beatriz Costa Gomes Cristiane Maria Pinto Diniz Tannara Patrícia Costa Silva Nayara Caroline Ribeiro de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.55819070319	
CAPÍTULO 20	171
O TRABALHO MULTIPROFISSIONAL COMO ALIADO NA ESTRATÉGIA DE INTERAÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE EM IDOSOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Soraya Sayuri Braga Nohara Aline dos Santos Falconi Sandra Regina Bonifácio Marcelo Geovane Persequino	
DOI 10.22533/at.ed.55819070320	
CAPÍTULO 21	178
PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E CONDIÇÕES DE SAÚDE DE FUNCIONÁRIOS DE SERVIÇOS GERAIS DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	
Thalita da Silva Fonseca Nayana Pinheiro Machado de Freitas Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.55819070321	

CAPÍTULO 22	184
PREVALÊNCIA DE DISFUNÇÕES OSTEOMIOARTICULARES EM PROFESSORES DE UMA ESCOLA DE IDIOMAS DA CIDADE DE MANAUS-AM	
Fernando Hugo Jesus da Fonseca Elisangela Costa Viana Geise Karoline Sales da Cunha Giselle Cristina Sampaio Faria Marleide Muca de Souza Maryellen Iannuzzi Lopes Galuch	
DOI 10.22533/at.ed.55819070322	
CAPÍTULO 23	199
PROGRAMA MULTIPROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA MULHERES NO CICLO GRAVÍDICO-PUERPERAL E FAMILIARES ATENDIDOS NAS UNIDADES BÁSICAS DO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ - RN: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Mateus Dantas de Azevêdo Lima Hélen Rainara Araújo Cruz Vanessa Patrícia Soares de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.55819070323	
CAPÍTULO 24	207
QUALIDADE DE VIDA DE CORTADORES DE CANA-DE-AÇÚCAR NO PERÍODO DA ENTRESSAFRA	
Suelen Marçal Nogueira Menandes Alves de Sousa Neto Doraci Maria dos Santos Trindade Monalisa Salgado Bittar	
DOI 10.22533/at.ed.55819070324	
CAPÍTULO 25	217
TECNOLOGIA ASSISTIVA: PERFIL DE USUÁRIOS DE CADEIRAS DE RODAS	
Fabiola Hermes Chesani Carla Santos Grosskopf Pyetra Prestes Negretti	
DOI 10.22533/at.ed.55819070325	
CAPÍTULO 26	225
VISITA DOMICILIAR NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE: EXPERIÊNCIAS DE UM CURSO DE FISIOTERAPIA	
Cássia Cristina Braghini Josiane Schadeck de Almeida Altemar	
DOI 10.22533/at.ed.55819070326	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	229

PREVALÊNCIA DE DISFUNÇÕES OSTEOMIOARTICULARES EM PROFESSORES DE UMA ESCOLA DE IDIOMAS DA CIDADE DE MANAUS- AM

Fernando Hugo Jesus da Fonseca

Centro Universitário do Norte – UNINORTE/
LAUREATE
Manaus-AM

Elisangela Costa Viana

Centro Universitário do Norte – UNINORTE/
LAUREATE
Manaus-AM

Geise Karoline Sales da Cunha

Centro Universitário do Norte – UNINORTE/
LAUREATE
Manaus-AM

Giselle Cristina Sampaio Faria

Centro Universitário do Norte – UNINORTE/
LAUREATE
Manaus-AM

Marleide Muca de Souza

Centro Universitário do Norte – UNINORTE/
LAUREATE
Manaus-AM

Maryellen Iannuzzi Lopes Galuch

Centro Universitário do Norte – UNINORTE/
LAUREATE
Manaus-AM

RESUMO: O trabalho é fundamental na vida de homens e mulheres, contudo, quando realizado de maneira inadequada, pode transformar-se em fator prejudicial à saúde humana. O trabalho docente é uma atividade que promove estresse,

com repercussões na saúde física e mental e com impactos no desempenho profissional. Esta pesquisa tem como objetivo apontar a prevalência de disfunções osteomioarticulares dos professores de uma escola de idiomas da cidade de Manaus – AM. Foi realizado uma pesquisa descritiva e exploratória de campo com abordagem quantitativa com 40 indivíduos sendo 15 homens e 25 mulheres, todos professores da escola de idiomas Wizard Manaus. Neste universo 62,50% eram do sexo feminino, e 85% encontravam-se na faixa etária de 18 a 30 anos. Apenas seis dos quarenta professores afirmaram não sentir nenhum tipo de dor, o equivalente a 15%. Conclui-se, desta forma, que existe grande prevalência de cansaço e dor osteomioarticular nos indivíduos pesquisados.

PALAVRAS-CHAVE: Professores; disfunções; prevalência; escolas de idiomas.

ABSTRACT: Work is fundamental in women and men's lives, however, when it's realized in a wrong way, it may turn prejudicial to human health. Teaching work is an activity that promotes stress, with repercussions to physical and mental health with impacts in professional performance. The purpose of that search is to point the prevalency of osteomioarticular dysfunction in the teachers from a language school in the city of Manaus – AM. It was made

a descriptive and exploratory research field with a quantitative approach with 40 individuals, being 15 men and 25 women, all of them teachers from a language school called Wizard Manaus. In this universe 62.50% were female, and 85 % were 18-30 years. Only six of the forty teachers said they did not feel any pain, it is equivalent to 15%. It was analyzed that there is high prevalence of fatigue and musculoskeletal pain in individuals researched.

KEYWORDS: Teachers; dysfunctions; prevalency; language school.

1 | INTRODUÇÃO

1.1 Atividades de vida diária de um professor

O trabalho é fundamental na vida de homens e mulheres, contudo, quando realizado de maneira inadequada, pode transformar-se em fator prejudicial à saúde humana. Alguns grupos de trabalhadores, por suas características ocupacionais, tornam-se mais propensos ao surgimento de dores musculoesqueléticas relacionadas ao trabalho (CARDOSO et al, 2009).

Dentre estes grupos, destacam-se os professores. Por vezes, o trabalho docente é exercido sob situações desfavoráveis, nas quais os docentes movimentam as suas capacidades físicas, cognitivas e afetivas para atingir os objetivos da obra escolar, gerando com isso sobre-esforço ou hipersolicitação de suas funções psicofisiológicas. (CARVALHO, 2009)

Delcor et al (2004) enfatiza que no ambiente de trabalho, os processos de desgaste do corpo são determinados em boa parte pelo tipo de trabalho e pela forma como esse está organizado.

No cenário da atividade do professor, identificam-se gestos críticos, posturas inadequadas e condições ergonômicas errôneas que podem ser fatores predisponentes na formação do DORT (DUTRA, 2005). Segundo Coelho (2011) esses fatores são: escrever no quadro negro por longo período com elevação dos membros superiores (MMSS) acima da cabeça, digitar provas e aulas, corrigir trabalhos e provas entre outras. Isso leva a um estresse biomecânico no ombro, predispõe a lesões e leva a sensações desagradáveis tanto do ponto de vista físico como mental.

O trabalho docente é uma atividade que promove estresse, com repercussões na saúde física e mental e com impactos no desempenho profissional. Esses problemas da profissão vêm crescendo significativamente devido as transformações sociais, as reformas educacionais e os novos modelos pedagógicos que exigem mais do profissional, além de que, o público acadêmico tem mudado juntamente com essas reformas todas, tornando-se mais crítico e exigente. (CARDOSO et al, 2009)

A dor musculoesquelética ou sensação dolorosa é apontada em diversos estudos com professores como um relevante problema de saúde e as doenças decorrentes de agravos ao sistema musculoesquelético aparecem como as principais causas de

afastamento do trabalho e de doenças profissionais nessa categoria. (PORTO et al, 2004)

Segundo Cruz et al (2010) a realização das atividades, intra ou extraclasse também é outro fator que exige do professor condições físicas e psicológicas, pois geram esforço físico (necessidade de força e resistência muscular para a busca de informações atualizadas, transportando livros e materiais, ficar sentado ou em pé por tempo prolongado, escrevendo ou desenhando) e esforço mental (para as exigências cognitivas e psíquicas).

Estudos têm identificado altas prevalências de morbidades relacionadas provavelmente a altas cargas horárias, número excessivo de alunos e turmas, pouco tempo para preparo das aulas, situações de estresse relacionado ao trabalho, atividades repetitivas, esforço físico postural. (PEREIRA, 2008). Professores compõem uma das categorias profissionais que mais sofrem com os sintomas osteomioarticulares (BRANCO et al, 2011).

Segundo Calixto et al (2015), de acordo com achados de estudos anteriores com professores de diversos níveis de ensino, as regiões mais acometidas por esses sintomas são: coluna vertebral (79,9%), parte superior das costas (15,3% a 58,7%), ombros (16% a 58,3%), parte inferior das costas (53,7%) e os membros inferiores (38% a 67,7%). Já Branco et al (2011) constataram que 36,6% dos professores que relataram sintomas osteomioarticulares também sofreram alteração no desempenho das atividades do dia a dia.

1.2 Desempenho ocupacional de professores

Diversos fatores ocupacionais estão associados aos agravos ao sistema musculoesquelético dos docentes, tais como: longa duração de tempo da aula em pé; carregamento de materiais didáticos; mobiliário escolar inadequado; tempo longo na posição sentada, correção de provas e exercícios; movimentos inadequados realizados durante as aulas, entre eles, flexão de tronco e flexão da coluna cervical para correção de tarefas e acompanhamento individual dos alunos, elevação de membros superiores e extensão da coluna cervical para escrever no quadro negro; elevada carga horária de aulas semanais; grande número de turmas; elevado número de alunos por turma e tempo insuficiente para repouso. (CARVALHO e ALEXANDRE, 2006)

Tempo insuficiente de desenvolver as atividades dentro da escola indica que os docentes possuem uma alta demanda de atividades no trabalho, tendo que preparar ou completar as atividades fora do mesmo, dados reiterados em outros autores (FERREIRA et al, 2003). Esse excesso de trabalho contribui para a diminuição de momentos de lazer e para o aparecimento do estresse físico e psicológico com prejuízo para a saúde e desempenho profissional do docente (CARVALHO e BARBALHO, 2006).

Ensinar em mais de dois turnos, com carga horária semanal de 40 ou mais horas, ter turma única e considerar que o trabalho exigia muito esforço físico foram

identificados como fatores associados à dor musculoesquelética nas costas/coluna. A necessidade de trabalhar por até três turnos, com carga horária semanal de 40 ou mais horas, exige do profissional grande dispêndio de força muscular e energia corporal para cumprir essa alta exigência do trabalho. Além disso, muitas vezes, não há na escola local específico para descanso nos intervalos entre as aulas, tornando o professor vulnerável ao acometimento de dor nas costas. (RIBEIRO, 2014)

Entre professores, os sinais e sintomas osteomioarticulares mais comuns são: dores, parestesias, limitações funcionais, diminuição na força muscular, tensões e retrações musculares, limitações articulares, câibras, cefaléia, problemas circulatórios e irritabilidade geral (MANGO, 2012)

1.3 Posturas inadequadas dos professores

A Academia Americana de Ortopedia define a postura como o estado de equilíbrio musculoesquelético, com capacidade de proteger as estruturas do corpo de traumas ou deformidades progressivas, seja na posição deitada, em pé ou sentada. (CONTRI, PETRUCELLI, PEREA, 2009)

A postura ideal é aquela em que se tem o equilíbrio dos segmentos corporais na posição de menor esforço e máxima sustentação, na qual os ligamentos, cápsulas e tônus muscular suportam o corpo ereto, possibilitando sua permanência na mesma posição por períodos prolongados, com baixo consumo energético, mínimo estresse aplicado nas articulações e sem apresentar desconforto. (SANTOS et al, 2009)

A precarização das condições de trabalho, fruto da desvalorização do trabalho docente nas últimas décadas no Brasil, vem refletindo fortemente na saúde dos professores e, conseqüentemente, na qualidade de ensino. Problemas como ausência de infra-estrutura e de recursos materiais, falta de manutenção de equipamentos, aumento de alunos por professor, elevada jornada de trabalho, entre outros, ajudam na depreciação da saúde desses trabalhadores (GASPARINI, BARRETO e ASSUNÇÃO, 2006).

A boa postura é aquela que melhor ajusta o sistema musculoesquelético do indivíduo, equilibrando e distribuindo todo o esforço de suas atividades diárias, de modo a favorecer a menor sobrecarga em cada uma de suas partes (VERDERI, 2003). O corpo tem a capacidade de se adaptar aos estímulos externos que são recebidos, em especial o sistema músculo esquelético. Portanto se um estímulo for recebido de forma inadequada por longos períodos, o corpo se adaptará e manterá o mesmo estímulo. (DETSCH, 2007).

1.4 Sintomas osteomioarticulares

As lesões osteomioarticulares são hoje o mais frequente dos problemas de saúde relacionados ao trabalho em todos os países, independente do seu grau de industrialização (BRANDÃO, HORTA e TOMASI, 2005).

Os sintomas de distúrbios osteomioarticulares (SDO) representam um sério problema de saúde pública, sendo considerada uma das mais importantes causas de incapacidade e absenteísmo entre os trabalhadores (CARNEIRO, 2007). Além dos sintomas de ordem física, ocorre o surgimento dos comprometimentos psicológicos, refletidos no estresse e no surgimento de problemas psicossomáticos. (MOREIRA, COUTINHO e DE LUCENA, 2011)

Atualmente, estudos fundamentados pelos fatores de risco que sobrecarregam as atividades profissionais, tais como o tempo de intervalo e as horas trabalhadas, o ambiente de trabalho, a postura sentada ou tempo prolongado na mesma postura, o período de trabalho na empresa (mais de seis meses), o não desenvolvimento de atividade física e o constante carregamento de peso, têm analisado a relação entre o surgimento de distúrbios musculoesqueléticos com as atividades profissionais, comprovando que a execução de determinadas tarefas contribui de forma significativa para o desenvolvimento dos mesmos. (GONÇALVES, TROMBETTA e GESSINGER, 2012)

O trabalhador, exercendo atividades que exijam determinado esforço físico associado á repetitividade de movimentos, após um certo período de trabalho começa a ter seu rendimento prejudicado pela instauração de fadiga muscular e mental. (BRANDÃO, HORTA e TOMASI, 2005)

1.5 Fatores ocupacionais associados a dor

Entre os principais fatores de risco relacionados aos distúrbios musculoesqueléticos, estão: a organização do trabalho (aumento da jornada de trabalho, horas extras excessivas, ritmo acelerado, déficit de trabalhadores); os fatores ambientais (mobiiliários inadequados, iluminação insuficiente) e as possíveis sobrecargas de segmentos corporais em determinados movimentos, por exemplo: força excessiva para realizar determinadas tarefas, repetitividade de movimentos e de posturas inadequadas no desenvolvimento das atividades laborais. (MARRAS, 2004)

Com relação ao trabalho docente, sabe-se que estes profissionais passam grande parte do dia em pé por conta de suas atividades, principalmente, em sala de aula. Sabe-se também que a permanência na posição em pé provoca sobrecarga nos membro inferiores, favorecendo o aparecimento de varizes por ocasião da dificuldade do retorno venoso, além de sensação de peso nas pernas, sensação dolorosa nos pés, joelhos e quadris, podendo se tornar ainda mais penosa quando os braços permanecem acima dos ombros e quando há inclinação ou torção do tronco. (GRAÇA, ARAÚJO E SILVA, 2006)

A dor musculoesquelética pode ser de origem traumática, inflamatória, isquêmica, tumoral ou por sobrecarga funcional, sendo agravada ou atenuada pelo fator emocional. Assim, vários pontos de discussão podem ser levantados na tentativa de explicar a associação entre a DME em professores e fatores como alergias, problemas

circulatórios, respiratórios, vocais e digestivos e ainda sobrepeso/obesidade e tabagismo. (CEBALLOS e SANTOS, 2015)

A dor é o sintoma mais comum em casos de afecções musculoesqueléticas, podendo ocorrer em condições agudas e crônicas, ser localizada ou difusa; sendo originada por trauma ou inflamação de tecidos ósseos, articulares ou musculares, instabilidade mecânica, espasmo muscular ou síndrome secundária ao uso excessivo. (MIGUEL e KRAYCHETE, 2009)

Dentre as principais patologias do sistema musculoesquelético estão as conhecidas como LER e DORT: cervicalgias, lombalgias, tendinites, bursites, tenossinovites e epicondilites. Todas decorrentes de atividades repetitivas relacionadas ao uso de ferramentas de trabalho (lousa no caso dos professores), somadas à postura e fatores anatômicos e fisiológicos predisponentes individuais, além da não prática de atividade física regular. (BARRO, DELLANI e ORTIZ, 2013)

A dor osteomioarticular é apontada em professores como um relevante problema de saúde e as doenças decorrentes de agravos ao sistema musculoesquelético aparecem como as principais causas de afastamento do trabalho e de doenças profissionais nessa categoria. (CARDOSO et al, 2009)

Desta forma o objetivo desta pesquisa foi identificar a o local e o tipo de disfunções osteomioarticulares mais prevalentes em professores da escola de idiomas na cidade de Manaus. Para isto foi determinado o perfil socio-econômico e clínico destes professores, a intensidade e o grau da dor que o acomete e além de correlacionar a dor com o tempo de docência e a carga horária semanal do mesmo.

2 | METODOLOGIA

Foi realizado uma pesquisa descritiva e exploratória de campo com abordagem quantitativa em abril de 2016, com 40 indivíduos sendo 15 homens e 25 mulheres, todos estes professores da escola de idiomas Wizard Manaus, situada na Av. Carlota Joaquina, nº 6, parque dez de novembro. Este projeto foi encaminhado para o Comitê de Ética e pesquisa (CEP), e aguarda aprovação desde abril de 2016.

Foram considerados como critério de inclusão nesta pesquisa, todos os professores que trabalham diretamente com os alunos em sala de aula na escola de idiomas Wizard Manaus, sem distinção de cor, raça, classe ou grupo social, que aceitaram participar da pesquisa e assinaram o TCLE, que tinham compreensão e que não apresentavam alterações neurológicas, jovens e adultos de ambos os sexos e com mais de 18 anos de idade. Como critérios de exclusão, aqueles que não faziam parte do quadro de professores, grávidas, os que estiveram afastados ou com licença durante o período de coleta da escola de idiomas Wizard Manaus, que não assinaram o TCLE, que apresentaram alguma alteração neurológica e que não tinham compreensão e os menores de 18 anos de idade.

Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário estruturado, elaborado pela

equipe de pesquisadores, que baseou-se no questionário de Couto e Cardoso (2000) composto dos seguintes blocos de questões: informações gerais, informações sobre o trabalho na escola de Idiomas e informações sobre a saúde física e problemas de saúde. O questionário foi respondido durante o horário de trabalho dos professores.

Os dados coletados foram analisados através de estatística descritiva em Excel 2013, e apresentados em forma de tabelas e gráficos.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para esta pesquisa 40 professores preencheram os critérios de inclusão e aceitaram participar desta assinando o TCLE. Neste universo 62,50% eram do sexo feminino, e 85% encontravam-se na faixa etária de 18 a 30 anos.

Maia e Navarro (2011), em uma tentativa de responder por que a docência tornou-se um campo de trabalho feminino, explicam que esta foi uma das primeiras profissões que abriu espaço para as mulheres sob a aprovação da sociedade, onde as mulheres associavam a tarefa educativa com a atividade materna.

Quando questionados sobre o tempo de serviço, foi possível notar que os professores possuíam em média 28,3 meses de tempo de serviço, com uma carga horária média semanal de 17,7 horas, sendo que destas 2,3 horas eram em pé.

De acordo com Noronha, Assunção e Oliveira (2008), para manter-se em pé, alguns grupos musculares dos membros inferiores permanecem contraídos, levando à fadiga muscular. Com o passar do tempo da aula em pé, o professor tende a descarregar o peso do corpo apenas para um dos membros inferiores, descansando assim o membro inferior contralateral. Esta atitude repetida a longo prazo, associada com a falta de atividade física, pode levar o trabalhador a desenvolver o desgaste nas articulações, contribuindo assim para a ocorrência de dor musculoesquelética nos membros inferiores.

A carga horária trabalhada é considerada um fator importante, pois, durante o horário de trabalho o docente apresenta concentração na mesma atividade, mantém a mesma postura por longo período e isso em longo prazo pode gerar disfunções e/ou doenças (FERNANDES, ROCHA e COSTA-OLIVEIRA, 2009).

Todos os professores afirmam carregar algum tipo de material de trabalho, e 45% destes afirmam que este material é sempre adequado ao seu porte físico. (Gráfico 1)



Segundo Delcor et al (2004), carregar material para a escola ou sala de aula, instalar equipamentos didáticos e deslocar-se dentro e fora da escola são esforços físicos que contribuem para ocorrência de dor musculoesquelética.

Apenas seis dos quarenta professores afirmaram não sentir nenhum tipo de dor, o equivalente a 15%. Dentre os principais locais de dor, destacam-se como os mais prevalentes a coluna lombar, a cabeça e a coluna dorsal. Em contrapartida o local menos citado como local de dor é o braço e o antebraço com 90%. (Gráfico 2)

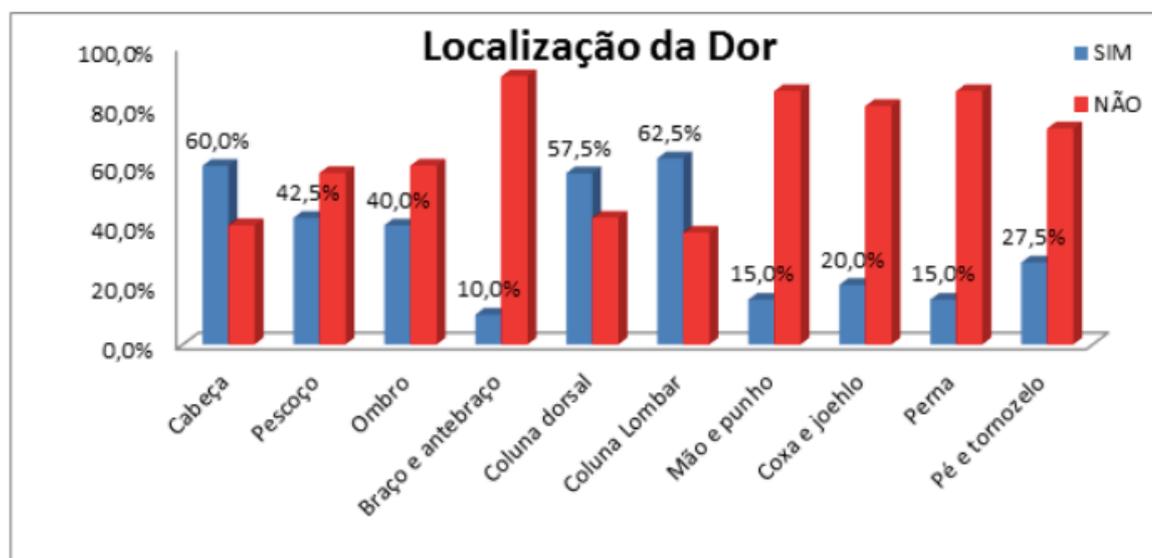


Gráfico 2 - Partes dos corpos onde se localizam as dores.

De acordo com Couto (2002), a postura sentada provoca dor muscular ocasionada por fadiga da musculatura das costas, devido ao longo tempo que os indivíduos permanecem na mesma posição. Vedovato e Monteiro (2008) descrevem que essas dores lombares estão associadas a algumas tarefas repetitivas, como corrigir provas, exercícios de alunos e o uso diário de computador, seguidas de cefaléia.

Quando solicitados para classificar a dor e sua intensidade foi possível notar que o cansaço é a dor propriamente dita, pois foram citados 27 vezes pelos mesmos,

enquanto a intensidade da dor foi classificada em sua maioria como moderada pelos sujeitos da pesquisa. (Gráfico 3)

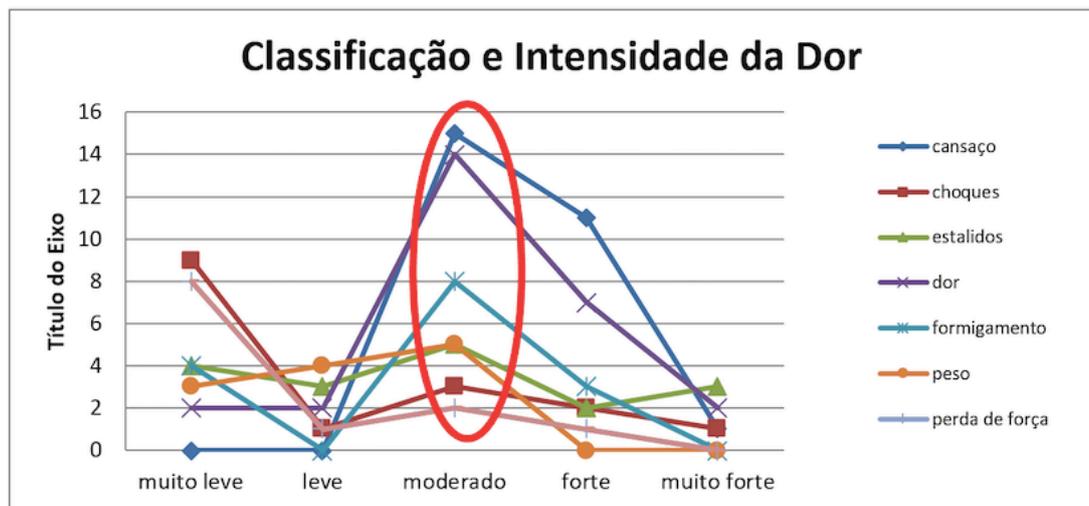


Gráfico 3 - Classificação e Intensidade da dor.

De acordo com Porto et al (2004), uma das principais causas de afastamento de trabalho entre os professores é a sensação dolorosa ou dor musculoesquelética, que são apontadas em diversos estudos com professores como um relevante problema de saúde. Araújo et al (2006) justifica que o cansaço físico é proveniente de alguns fatores como a dupla jornada de trabalho, alimentação inadequada e tempo insuficiente para o lazer, descanso e sono.

O Ministério da Saúde (2001) afirmou que o início dos sintomas dos distúrbios osteomusculares relacionadas ao trabalho é insidioso, de curta duração e de leve intensidade. E aos poucos os sintomas se tornam moderados e intensos.

A frequência de aparecimento da dor também foi questionada, e pode-se verificar que o cansaço e a dor são os tipos de dor que mais aumentam durante a jornada de trabalho, em contrapartida os choques e estalidos se mantêm constante a qualquer hora do dia. Os entrevistados responderam positivamente em relação às diferenças na sensação da dor nos dias de trabalho e dias de folga. Onde mais uma vez o cansaço e a dor, prevaleceram na diferença e o peso e a limitação de movimento não apresentaram diferença. (Gráfico 4)

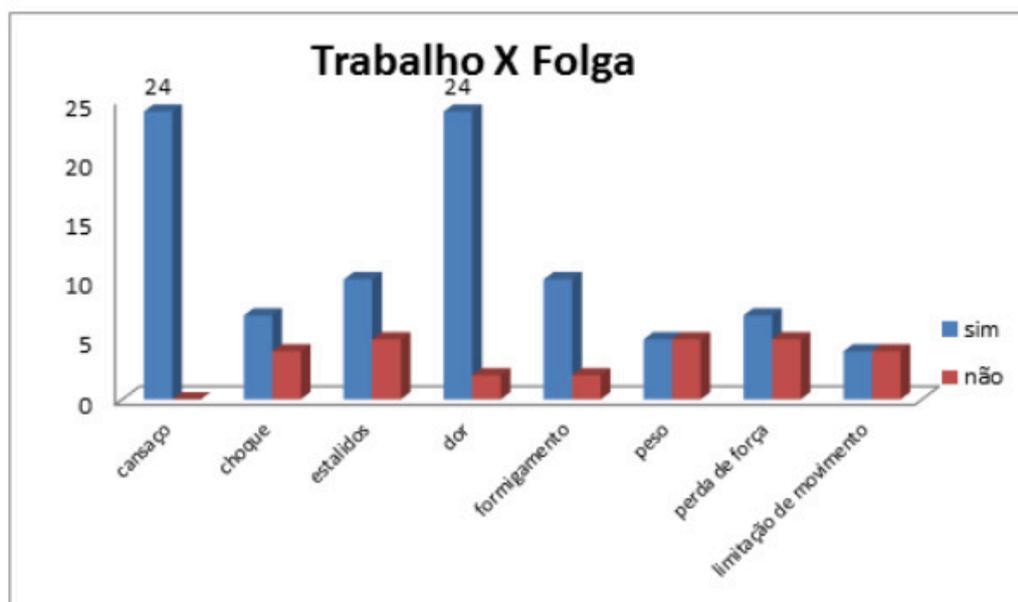


Gráfico 4 - relação da dor durante o trabalho e a folga.

A carga horária trabalhada é considerada um fator importante, pois, durante o horário de trabalho o docente apresenta concentração na mesma atividade, mantém a mesma postura por longo período e isso em longo prazo pode gerar disfunções e/ou doenças. Além disso, as condições de trabalho relacionam-se com estresse ocupacional e podem refletir gerando sobrecarga, ocasionando ao docente uma maior dificuldade em realizar sua tarefa. (FERNANDES; ROCHA; COSTA-OLIVEIRA, 2009).

Segundo Delcor et al (2004), quando não há tempo para a recuperação do cansaço diário do professor são desencadeados ou precipitados os sintomas clínicos que explicariam os índices de afastamento do trabalho. Ribeiro (2014) sugere que para a prevenção de acometimentos na região de costas/coluna é recomendável a redução da carga horária total de trabalho, o que pode ser viabilizado por um número menor de turnos trabalhados e menor carga horária semanal.

Os estudos de Mergener et al. (2008) evidenciaram que os desconfortos musculoesqueléticos como choques e estalidos estão entre os principais sintomas resultantes das LER/DORT. Segundo Ranney (2000), considera-se que a LER/DORT faz parte de um conjunto de patologias de caráter inflamatório que afetam os músculos, tendões e nervos, localizados principalmente nos dedos, punho, braços, ombros e região cervical, causadas por movimentos repetitivos, posturas estáticas, posturas inadequadas, jornada de trabalho prolongada e ritmo acelerado de trabalho.

Mesmo sendo uma população jovem 65% afirma não praticar nenhum tipo de atividade física, além disso 75,8% dos sujeitos que sente algum tipo de dor ou desconforto nunca buscaram ajuda médica ou fisioterapêutica. (Gráfico 5)



Gráfico 5 - Porcentagem de professores praticantes de atividade física.

A prática regular de exercícios físicos acompanha-se de benefícios que se manifestam sob todos os aspectos do organismo. Auxilia na melhora da força muscular, tônus muscular e flexibilidade, e no fortalecimento dos ossos e das articulações, todos esses benefícios auxiliam na prevenção e no controle de doenças. Portanto, uma pequena mudança nos hábitos de vida é capaz de provocar uma grande melhora na saúde e na qualidade de vida (GONÇALVES e VILARTA, 2009).

A atividade física é considerada o principal recurso para a diminuição da dor. Ao médico cabe, em seu cotidiano clínico, reconhecer a importância da dor em três perspectivas: como um elemento de orientação do diagnóstico e tratamento, como a base para a compreensão empática da experiência do doente e como um traço da significância moral das queixas e do sofrimento. (DE LIMA e TRAD, 2007)

Quando os dados de frequência de dor foram correlacionados com o tempo de docência e a carga horária semanal, verificou-se que existe uma correlação moderada com o tempo de docência e uma correlação muito fraca para carga horária semanal. (Tabela 1).

COORELAÇÃO	TEMPO DE DOCENCIA	CARGA HORÁRIA SEMANAL
DOR	0.540503065	0.039874396

Corroborando com os dados obtidos nesta pesquisa, Ribeiro et al (2011), verificaram que o tempo de trabalho superior a 14 anos está estatisticamente associado à dor em membros inferiores e superiores, já a dor nas costas e na coluna está associada à carga horária de 40 horas.

Blyth et al (2011) afirma que as dores, quando persistem por mais de 6 meses, são caracterizadas como dor crônica e estas limitam a capacidade laboral das pessoas

acometidas, seja pelo absenteísmo ou pela invalidez. A prevalência destas dores aumenta com o passar dos anos e estão relacionadas com o tabagismo, alcoolismo, sobrepeso corporal, ausência de prática de atividade física, atividades laborais e classe social.

4 | CONCLUSÃO

Após a realização desta pesquisa, foi possível constatar que as professoras do sexo feminino são mais prevalentes na Escola de Idiomas, assim como ocorrem na maioria das instituições educacionais. Porém, em mulheres verificou-se que a idade dos professores, o tempo de serviço e a carga horária desses professores divergem dos professores das demais instituições, visto que estes são em geral jovens, com baixa carga horária semanal e pouco tempo de trabalho. Explica-se tal ocorrência pelo fato de que os professores de escola de idiomas são normalmente universitários que estão exercendo a docência de forma momentânea, enquanto curso outras graduações.

Fazendo deste um trabalho relativamente temporário, o que poderá ter influenciado na não ocorrência de disfunções propriamente ditas, porém o que corrobora com outros artigos é o fato de que a coluna lombar é a mais acometida por dores, além do cansaço presente em 27 professores. Fato este que está associado mais a carga horária do que ao tempo de serviço dos professores.

Em virtude deste grupo de professores ser bem heterogêneo e atípico, não foi possível encontrar uma correlação estatisticamente concisa entre idade, gênero, tempo de serviço e carga horária semanal.

Desta forma, embora seja possível identificar o local de mais prevalente de queixas dolorosas entre professores é necessário maiores estudos para poder identificar a causa correta dessas dores. Além disso, desde já é importante que as escolas adotem medidas preventivas aos agravos do sistema osteomioarticular, com o intuito de diminuir as disfunções dessa categoria profissional.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Tânia Maria de et al. **Diferenciais de gênero no trabalho docente e repercussões sobre a saúde**. Ciência & Saúde Coletiva. V. 11, n. 4, 2006, p. 1117-1129.

BARRO, Dânia; DELLANI, Marcos Paulo; ORTIZ, Maurício Gabriel. **Dor musculoesquelética em professores e sua relação com o processo ensino-aprendizagem**. Rev.de educação do IDEAU, v. 8, n. 18, 2013.

BRANCO, Jerônimo Costa et al. **Prevalência de sintomas osteomusculares em professores de escolas públicas e privadas do ensino fundamental**. Fisioter. mov, v. 24, n. 2, p. 307-314, 2011.

BRANDÃO, Andréa Gonçalves; HORTA, Bernardo Lessa; TOMASI, Elaine. **Sintomas de distúrbios osteomusculares em bancários de Pelotas e região: prevalência e fatores associados**. 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde do Trabalhador. **Diagnóstico, tratamento, reabilitação, prevenção e fisiopatologia das LER/DORT**. Brasília: 2001.

CALIXTO, Marcos Ferreira et al. **Prevalência de sintomas osteomusculares e suas relações com o desempenho ocupacional entre professores do ensino médio público/Prevalence of musculoskeletal symptoms and its relations with the occupational performance among public high school teachers**. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, v. 23, n. 3, 2015.

CARDOSO, Jefferson Paixão et al. **Prevalência de dor musculoesquelética em professores**. Rev. bras. epidemiol, v. 12, n. 4, p. 604-614, 2009.

CARNEIRO, Léila Renata das Virgens et al. **Sintomas de distúrbios osteomusculares em motorista e cobradores de ônibus**. Rev. bras. cineantropom. desempenho hum, v. 9, n. 3, 2007.

CARVALHO, AJFP.; ALEXANDRE, NMC. **Sintomas osteomusculares em professores do ensino fundamental**. Rev bras fisioter, v. 10, n. 1, p. 35-41, 2006.

CARVALHO, Fernando Martins. **Condições de trabalho docente e saúde na Bahia: estudos epidemiológicos**. Educ. Soc, v. 30, n. 107, p. 427-449, 2009.

CARVALHO, Fernando Martins; BARBALHO, Leonardo. **Docência e exaustão emocional**. Educ. Soc, v. 27, n. 94, p. 229-253, 2006

CEBALLOS, Albanita Gomes da Costa de; SANTOS, Gustavo Barreto. **Factors associated with musculoskeletal pain among teachers: sociodemographics aspects, general health and well-being at work**. Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 18, n. 3, p. 702-715, 2015.

CONTRI, Douglas Eduardo; PETRUCCELLI, Amanda; PEREA, D. C. **Incidência de desvios posturais em escolares do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental**. ConSientiae Saúde, v. 8, n. 2, p. 219-24, 2009.

COUTO, H. A.; CARDOSO, O. S. **Censo de Ergonomia**, 2000. Disponível em: <<http://www.ergoltda.com.br/downloads/censo.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2016

COUTO, H. A. **Como implantar ergonomia na empresa: a prática dos comitês de ergonomia**. Belo Horizonte: Ergo, 2002.

CRUZ, Roberto Moraes et al. **Saúde Docente, condições e carga de trabalho**. Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID), n. 4, p. 147-160, 2010

DELCOR, Núria Serre et al. **Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil Labor and health conditions of private school teachers in Vitória da Conquista, Bahia, Brazil**. Cad. saúde pública, v. 20, n. 1, p. 187-196, 2004.

DE LIMA, Mônica Angelim Gomes; TRAD, Leny A. Bomfim. **A dor crônica sob o olhar médico: modelo biomédico e prática clínica. The medical perspective towards chronic pain: biomedical model and clinical practice**. Cadernos Saúde Pública, v. 23, n. 11, p. 2672-2680, 2007.

DETSCH, Cíntia et al. **Prevalência de alterações posturais em escolares do ensino médio em uma cidade no Sul do Brasil**. Rev Panam Salud Publica, v. 21, n. 4, p. 231-8, 2007.

DUTRA, Denise et al. **Prevalência de algias nos ombros em professores da rede Municipal de Ensino Fundamental de Umuarama-PR no ano de 2004**. Arq. ciências saúde UNIPAR, v. 9, n. 2, p. 79-84, 2005

COELHO, Carol Teixeira et al. **Prevalência da síndrome do ombro doloroso (SOD) e sua influência na qualidade de vida em professores de uma instituição privada de nível superior na cidade de Lauro de Freitas, Bahia.** Revista Baiana de Saúde Pública, v. 34, n. 1, p. 19, 2011

FERREIRA, Léslie Piccolotto et al. **Condições de produção vocal de professores da Prefeitura do Município de São Paulo.** Distúrb. comun, v. 14, n. 2, p. 275-307, 2003.

FERNANDES, Marcos Henrique; ROCHA, Vera Maria da; COSTA-OLIVEIRA, RONCALLI, Angelo G.. **Fatores Associados à Prevalência de Sintomas Osteomusculares em Professores.** Rev. saude pública. 256. 11 (2): 256-267, 2009

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. **Prevalência de transtornos mentais comuns entre professores da rede municipal de ensino de Belo Horizonte.** Cadernos de Saúde Pública, v.22, n. 12, p.2679- 2691. 2006.

GONÇALVES, A.; VILARTA, R. Resenha: **Qualidade de vida e atividade física: explorando teoria e prática.** Disponível em: www.unicamp.br/fef/publicacoes/conexoes/. Acessado em: 18 de março de 2009

GONÇALVES, Eliézer Cardoso; TROMBETTA, Juliana Banaletti; GESSINGER, Cristiane Fernanda. **Prevalência de dor na coluna vertebral em motoboys de uma cooperativa de Porto Alegre, RS.** Revista da AMRIGS, v. 56, n. 4, p. 314-319, 2012

GRAÇA, Claudia Cerqueira; ARAÚJO, Tânia Maria; SILVA, Cruiff Emerson Pinto. **Desordens musculoesqueléticas em cirurgiões-dentistas.** Sitientibus, v. 34, p. 71-86, 2006.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; NAVARRO, Carolina; MAIA, Ari Fernando. **Relações entre gênero e escola no discurso de professoras do ensino fundamental.** Psicologia da Educação, n. 32, p. 25-46, 2011.

MANGO, Maria Silvia Martins et al. **Análise dos sintomas osteomusculares de professores do ensino fundamental em Matinhos (PR).** Fisioterapia em Movimento, v. 25, n. 4, 2012.

MARRAS, W. S. **State-of-the-art research perspectives on musculoskeletal disorder causation and control: the need for an intergraded understanding of risk.** Journal of Electromyography and kinesiology, v. 14, n. 1, p. 1-5, 2004.

MERGENER, C. R. et al. **Sintomatologia músculo-esquelética relacionada ao trabalho e sua relação com a qualidade de vida em bancários do Meio Oeste Catarinense.** Revista Saúde e Sociedade, v.17, n.4, p. 171 - 181, 2008.

MIGUEL, Marcia de; KRAYCHETE, Durval Campos. **Dor no paciente com lesão medular: uma revisão.** Rev. bras. anesthesiol, v. 59, n. 3, p. 350-357, 2009.

MOREIRA, André Carvalho Correia; COUTINHO, Carina Carvalho Correia; DE LUCENA, Neide Maria Gomes. **Estudo da Relação dos Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) e Fibromialgia: uma Revisão de Literatura.** Revista Brasileira de Ciências da Saúde, v. 14, n. 2, p. 101-111, 2011

NORONHA, Maria Márcia Bicalho; ASSUNÇÃO, Ada Ávila; OLIVEIRA, Dalila Andrade. **O sofrimento no trabalho docente: o caso das professoras da rede pública de Montes Claros, Minas Gerais.** Trab. educ. saúde, v. 6, n. 1, p. 65-85, 2008.

PEREIRA, Érico Felden et al. **Qualidade de vida e condições de trabalho de professores de educação básica do município de Florianópolis-SC.** 2008.

PORTO, Lauro Antonio et al. **Doenças ocupacionais em professores atendidos pelo Centro de**

Estudos da Saúde do Trabalhador (CESAT). Revista Baiana de Saúde Pública, v. 28, n. 1, p. 33, 2014.

RANNEY D. **Doenças osteomusculares relacionadas ao trabalho.** São Paulo: Roca; 2000.

RIBEIRO, Isadora de Queiroz Batista et al. **Fatores ocupacionais associados à dor musculoesquelética em professores.** Revista Baiana de Saúde Pública, v. 35, n. 1, p. 42, 2014

SANTOS, Camila Isabel S. et al. **Ocorrência de desvios posturais em escolares do ensino público fundamental de Jaguariúna,** São Paulo. Rev Paul Pediatr, v. 27, n. 1, p. 74-80, 2009.

VEDOVATO, Tatiana G.; MONTEIRO, Maria I. **Perfil sociodemográfico e condições de saúde e trabalho dos professores de nove escolas estaduais paulistas.** Rev Esc Enferm USP, v. 42, n. 2, p. 290-7, 2008

VERDERI, Erica. **A importância da avaliação postural.** Lecturas: Educación física y deportes, n. 57, p. 33, 2003.

XAVIER, Rosely Perez. **A competência comunicativa do professor de inglês e a sua prática docente: três estudos de caso.** The Specialist. Pesquisa em Línguas para Fins Específicos. Descrição, Ensino e Aprendizagem. ISSN 2318-7115, v. 22, n. 1, 2001

SOBRE AS ORGANIZADORAS

BÁRBARA MARTINS SOARES CRUZ Fisioterapeuta. Mestre e doutora em Oncologia (A. C. Camargo Cancer Center). Pós-graduada em Fisioterapia em Terapia Intensiva (Inspirar). Pós-graduanda em Fisioterapia Cardiorrespiratória (Inspirar). Linfoterapeuta® (Clínica Angela Marx) Docente na Faculdade Pitágoras Fortaleza (unidade Centro). Docente na Faculdade Inspirar (unidades Fortaleza, Sobral e Teresina). Membro do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Tecnologia Intensiva (FATECI).

LARISSA LOUISE CAMPANHOLI Mestre e doutora em Oncologia (A. C. Camargo Cancer Center). Especialista em Fisioterapia em Oncologia (ABFO). Pós-graduada em Fisioterapia Cardiorrespiratória (CBES). Aperfeiçoamento em Fisioterapia Pediátrica (Hospital Pequeno Príncipe). Fisioterapeuta no Complexo Instituto Sul Paranaense de Oncologia (ISPON). Docente no Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais (CESCAGE). Coordenadora do curso de pós-graduação em Oncologia pelo Instituto Brasileiro de Terapias e Ensino (IBRATE). Diretora Científica da Associação Brasileira de Fisioterapia em Oncologia (ABFO).

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-155-8

